

âmbar gris

1ª edição

douglas alfini jr.

Âmbar Gris
Douglas Alfini Jr.
Impresso no Brasil
1ª edição — junho de 2023

Revisão, diagramação e capa
Daniel Marcondes

FICHA CATALOGRÁFICA

Alfini Junior, Douglas
Âmbar Gris / Douglas Alfini Junior — 1ª ed. — São Paulo, SP: Ed. do
Autor, 2023.

ISBN: 978-65-00-68823-8

1. Romance brasileiro

I. Título.

23-154566

CDD — B869.3

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Romances: Literatura brasileira

Todos os direitos desta obra reservados ao autor. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

SUMÁRIO

Agradecimentos 7

Prefácio 9

PARTE I

1. O advento 13
2. O retroprojektor 17
3. Entre o ferro e a fumaça 25
4. O bosque 29
5. Ópera para a dor 45
6. Coisas, apenas coisas 49
7. Uma rua chamada “ilusão” 57

PARTE II

8. Todas as luzes da noite 87
9. Sob as esteiras 93
10. Leviatã 105
11. Ode à violência 109
12. Perdição 127

13.	A cerimônia	133
14.	Tambores	157
15.	Balduíno vai para o inferno	171
16.	Redenção	181

PARTE III

17.	Uma rua chamada “sabedoria”	189
18.	O taxidermista	197
19.	O anjo da morte	203
20.	Olívia	225
21.	Os três sinais	229
22.	Alarmes	243

AGRADECIMENTOS

Escrever é, para mim, antes de tudo um grande prazer, ou não haveria razão de fazê-lo. Ao mesmo tempo, esta atividade torna-se um trabalho extenuante conforme esses mundos criados vão ganhando vida em minha própria mente. Há um “chefe” imaginário — aproveitando o mote do livro — que me obriga a terminá-lo assim que a primeira frase é escrita, e isso muitas vezes beira a uma tortura que me leva a escrever compulsivamente, sem ordem nem coerência, tal como o trabalhador de fábrica cansado e pressionado que fui por muitos anos.

Contra esses espectros de confusão, que acredito sejam comuns na cabeça de um escritor, existem antídotos. E esses antídotos se fazem presentes aqui mesmo, no mundo real, na forma de pessoas muito especiais.

Dentre elas está minha esposa Angélica, a quem agradeço o apoio incondicional a esses meus sonhos literários, sempre acreditando, ainda mais do que eu mesmo, no valor dos esforços empregados em meus livros. Junto dela está meu filho Benício, que, por sua mera existência, tão inspiradora, me impede de conformar-me às agruras da vida, modificando meus dias e trazendo verdadeira luz à minha casa.

Não posso deixar de agradecer, também, ao meu amigo, revisor e conselheiro Daniel Marcondes, cuja sinceridade e cumplicidade foram sempre decisivas nos rumos desta e de outras obras a que me atrevo a escrever.

No mais, dedico este livro ao professor Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, falecido a 24 de janeiro deste ano, o qual, através de suas aulas, despertou-me para o chamado da escrita. Se o caminho para a escalada do brasileiro a um nível intelectual superior depende da reconstrução do imaginário popular através da literatura, como ele mesmo tanto insistiu, entrego esta obra como humilde contribuição, junto dos meus mais sinceros agradecimentos. Obrigado, professor.

PREFÁCIO

Este não é, absolutamente, um livro autobiográfico em qualquer sentido. É inegável, porém, que Valentim, o personagem principal da trama, esteja carregado de algumas das minhas experiências pessoais, sem as quais não seria possível empenhar a devida veracidade em trechos da história que assim o exigiam.

Assim como o nosso protagonista, passei boa parte de minha vida dentro de empresas do ramo metalúrgico no ABC paulista — treze anos, para ser mais preciso. Enquanto o criava, pretendi dividir com ele os percalços que vivi diariamente no chão de fábrica, e que, ao contrário do que possa pensar quem não seja familiarizado com este ofício, vão muito além do conhecido esforço físico necessário à profissão. É claro que não pretendo, com isso, demonizar o ramo; estou certo, porém, de que o leitor encontrará, no fundo e em alguns detalhes desta história, relatos do quão perigoso pode ser o conchavo entre misteriosos patrões estrangeiros e sindicalistas ignorantes e gananciosos.

A relação do morador desta região com a montagem de veículos, que um dia foi viva e alimentou os maiores sonhos de prosperidade, ainda hoje mantém-se, de certa forma, ativa, mas sem o prestígio e a força de outrora, deixando em pessoas como eu, que pretendem alcançar desta vida algo mais do que um salário que as sustente, a estranha impressão de um ambiente em que o conhecimento é repellido como uma doença contagiosa, e o emprego —

juntamente com a devoção a quem prometa mantê-lo — está acima de qualquer crença, valor ou objetivo; um ambiente no qual aquele que almeje algo como a serenidade da alma pareça estar cometendo um crime contra a naturalidade das coisas, ou querendo ser mais do que lhe é permitido, neste buraco negro sem identidade que se perde mais e mais ao não reconhecer-se nem como pacato interior, nem como metrópole urbana.

Considerados os devidos avanços desta ficção, é nesse universo sem perspectivas que Valentim leva sua vida, cercado pela modernidade que já não admite valores nem escrúpulos, sufocado por uma tecnologia opressiva e quase onipresente, mas estimulado, ao mesmo tempo, a procurar por algo mais, a sair de sua prisão de ignorância rumo a um mundo povoado pelo belo que tanto lhe escondem.

Mas não é justamente este o universo em que, hoje, vivemos todos nós?

Douglas Alfini Jr.
São Caetano do Sul, 7 de agosto de 2021

PARTE I

O advento

Era setembro quando ele a viu pela primeira vez.

Tão imensa e majestosa, com aquele olhar sereno e, ao mesmo tempo, morto, inexpressivo... passou-lhe tão perto que foi possível ver cada dobra daquela pele rugosa, cada parasita que fazia dela seu mundo, alimentando-se da vida e da paz inerentes à sua existência.

O cenário em que se apresentou tinha ao fundo um pano de azul esverdeado profundo, que tremulava num bailado sincopado, como uma gigantesca bandeira exposta ao vento. Era uma peça encenada em um teatro frio e infinito, cada vez mais turvo a cada légua que seu corpanzil acinzentado descia, mas que clareava, entre um milhão de partículas reluzentes, sempre que ela emergia, lenta e tranquila.

Ele a acompanhava em seu navegar como um peixe curioso, ladeando-a sem incomodá-la e imaginando não ser notado. Mas ela, ser onisciente naquele território onírico, sabia que ele estava lá. Precisava de sua presença e por isso o procurou, por isso penetrou o oceano de seu sono, naquela noite, e tornaria a fazê-lo a cada vez que encontrasse a passagem, no fim de cada jornada.

Sentiu nos lábios o gosto acre da água salgada, mesmo estando ainda de olhos fechados. Tocou-as com a lín-

gua, atestando a realidade da experiência e vivenciando o curioso limbo entre sonho e despertar. Seu corpo estremeceu enquanto a força da realidade o sugava até a superfície e a baleia desaparecia oceano afora; seu coração se acelerou como o de um afogado ressuscitado, e seu despertar atribulado e angustiante, como o impulso de um mergulhador respirando novamente o ar puro, transformou-se em uma paz celestial, logo que recobrou a consciência por completo.

Os olhos marejados explicavam o gosto na boca. Admitiu, inconscientemente, que a beleza de tudo o que vira e sentira só não tocaria o mais insensível e inculto dos homens. Perdoou-se, mesmo sem saber que o fazia.

Mas, antes que se levantasse da cama, um odor fétido tomou conta do quarto, tão quente e próximo que, por um momento, pensou vir de seu próprio corpo. Examinou-se para ter certeza de que, assim como as lágrimas, aquele estranho fenômeno não era produto de sua imaginação. Mas estava limpo, e o suor que lhe escorria não podia exalar o cheiro de fezes que sentia. Ainda nu, abriu a janela e deixou que os primeiros raios da manhã invadissem o cômodo úmido e transformassem todo o ambiente.

No início, quando o sol se fez presente, foi como se o calor cauterizasse a podridão, tornando aquele cheiro odioso primeiramente em um aroma ácido, de enxofre e fogo, até que, gradualmente, chegasse a destruir por completo seu caráter repugnante, atingindo um perfume doce e terroso muito peculiar, como uma mistura alcoólica num buquê de lírios do vale. Absinto sobrenatural e invisível, tão inebriante quanto efêmero, desapareceu em segundos,

pegando carona numa brisa morna de primavera e escapando pela janela, misturando-se aos odores mundanos que o matariam sem misericórdia, ameaçados por sua incomparável superioridade.